

MOSES MONTEFIORE

Ir.º Leandro Tavella

Meu Nome Histórico

Infância e juventude

Primeiro dos oito filhos de Joseph Elias e Rachel Montefiore, Moses Haim veio ao mundo em outubro de 1784, em Livorno. O casal residia em Kennington, uma área nobre de Londres, mas sua mãe insistira em acompanhar o marido à Itália, apesar de sua adiantada gravidez. Rachel era filha de Abraham Mocatta, próspero corretor londrino. Frequentou a escola até os 13 anos, em seguida se debruça nos negócios onde funda companhias e lucra na bolsa de valores. Membro da Sinagoga Bevis Marks, de rito hispano-português, ele comparecia diariamente aos serviços religiosos e desempenhava várias funções administrativas nas instituições da congregação. Em 1808 tornou-se um voluntário da *Chevrá Kadishá* os que cuidam dos defuntos dentro do judaísmo. Em 1812, Montefiore tornou-se maçom, ingressando na Loja Moira, nº 92 da GLUI, em Londres, foi a combinação perfeita para que o conceito judaico de Tzedaká (Justiça Social) encontrar-se com a ausência de barreiras em virtude de religião, raça e opiniões apregoadas pela maçonaria. As barreiras restritivas em face dos judeus caíam, então, perante a maçonaria que até então não os recebia, fazendo uma parceria que duradoura.

Casamento

Segundo Montefiore, o evento mais importante em sua vida foi seu casamento em Londres, no ano de 1812, com Judith Cohen (1784-1862), segunda filha de Levi B. Cohen, proeminente comerciante asquenaze. Dentre muitas características de Judith o fato de ser poliglota auxiliou Montefiore em suas missões humanitárias pelo Orbe. Com seu casamento se torna cunhado de Nathan Rothschild, família de banqueiros judeus alemães radicados em Londres, nesta altura sua corretora, a Montefiore Bros. passa a ser a corretora dos Rothschild. Os irmãos Montefiore tornam-se homens de grandes posses, com interesses em inúmeras empresas, algumas consideradas inovadoras, como uma empresa de gás para iluminação pública. Em 1824, Moses decide afastar-se parcialmente dos negócios. Tendo o total apoio da esposa, passa a dedicar seu tempo e recursos ao trabalho filantrópico, fazendo de sua residência um centro para as atividades de benemerência judaica. Sua filantropia, no entanto, não se limitava ao seu povo – sempre estava pronto a ajudar os necessitados, independentemente das diferenças religiosas.

A primeira viagem a Terra de Israel

Em maio de 1827, Moses e Judith decidem realizar um antigo sonho: conhecer *Israel*. Ele realizaria outras seis viagens à Terra Santa: em 1839, 1848, 1855, 1857, 1866 e 1875 – esta última, aos 91 anos. Suas viagens não eram passeios, mas peregrinações humanitárias para melhorar a vida local e salvar os judeus que estavam sem voz e com a emancipação dos católicos se deparavam com suas mentiras e falsas acusações desta vez no Oriente. A primeira viagem durou 10 meses. No século 19, as viagens eram longas, difíceis e cansativas e, para *Israel*, especialmente perigosas. Poucos se aventuravam a tanto. Embaixador de fato dos judeus britânicos, Montefiore viajava sob a proteção semioficial, trazendo cartas de recomendações britânicas e salvo-condutos. Desembarcou em Alexandria, em agosto de 1827. Moses é recebido pelo governante do Egito, Mohamed Ali Pashá, que alguns anos depois conquistaria a Síria Otomana, que incluía *Israel*. O encontro é o

início do que viria a ser um longo relacionamento pessoal e duradouro e se repetiria diversas vezes. Em outubro, o casal Montefiore chega a Yaffo e segue para Jerusalém. Entram na Capital Eterna do Povo Judeu com a mais profunda reverência. Em seus diários registram a dor que sentiram ao ver “*a situação destituída, miserável e desesperançada*” em que se encontrava a cidade e a indescritível pobreza da grande maioria dos habitantes, principalmente os judeus. Jerusalém, tornar-se-ia, para Moses, fonte de inspiração de sua vida, não apenas no sentido restrito da própria cidade e seus habitantes, mas como o local que refletia a essência de nosso povo. A impressão e impacto do rico Moses e esposa chegando a Jerusalém causou um impacto sem precedentes modernos sobre os 6 mil judeus que, na época, viviam na Terra de Israel. Em seus diários, Judith e Moses descrevem a miséria e as humilhações, as restrições, os impostos e extorsões aos quais eles eram submetidos. Tristemente constatam que o único meio de sustento da maioria era a generosidade de seus irmãos da Diáspora. Tendo a Igreja Católica, eterna inimiga dos judeus, fundado congregações religiosas para atrair judeus em troca de benefícios, erraram feio, pois se os muçulmanos lograram com benefícios parecidos destruir o Cristianismo milenar do Norte da África a Pérsia, os judeus estavam acostumados a vida difícil, sua esperança em tempos melhores deixava a todos que os via um ar de místico, a mesma impressão teve o Imperador do Brasil Pedro II ao percorrer o mesmo caminho em 1876.

Vida pública

A visita a Jerusalém impactara Montefiore e, após seu regresso à Inglaterra, ele assume um papel ainda mais ativo na vida comunitária anglo-judaica. Em 1828, passa a fazer do Conselho de Representantes dos Judeus Britânicos ou onde se tornou membro da comissão encarregada de lutar pela emancipação total dos judeus das ilhas britânicas. Participavam dessa campanha, lado a lado de proeminentes membros da comunidade judaica, entre os quais os Rothschild e os Salomon, o Duque de Sussex, tio da Rainha Vitória. Seu objetivo era transpor as últimas barreiras que porventura existiam aos judeus britânicos. Ainda havia a noção medieval de que os judeus não podiam ter propriedades na Inglaterra, Sir Moses decide derrubar essa barreira e, em 1830, compra uma propriedade em Ramsgate, a East Cliff Lodge, com o silêncio tácito das autoridades, mais uma barreira foi transposta. Construiu em 1833 uma sinagoga na propriedade, a rainha vitória passou férias na propriedade adjacente e para dar uma boa impressão de liberdade, liberdade tão querida e cara ao povo judeus, Moses dá a ela a chave de sua propriedade para transitar por onde quisesse. É o início da amizade entre ele e a futura soberana britânica. Montefiore assume, em 1835, a presidência do Conselho dos Representantes Judeus Britânicos, até 1874. Sob sua liderança, esse Conselho se torna o porta-voz de fato dos judeus britânicos e, de certa forma, de toda a Europa, assim como a voz dos judeus sem voz pelo mundo.

Ainda em 1835, os judeus ingleses dão mais um passo em direção à sua total emancipação. Após David Salomon ser eleito *Xerife* de Londres, é sancionada um edito de tolerância com os judeus, com os católicos que constituíam mais de 20% da população da Grã-Bretanha ainda tardaria uns bons anos. Esse respeitado cargo municipal, apenas subordinado ao prefeito, implicava numa série de deveres legais, políticos e protocolares. Dois anos mais tarde, Montefiore é eleito *Xerife* de Londres e Middlesex e, como tal, profere, em julho

daquele ano de 1837, um discurso em homenagem à Rainha Vitória. Em novembro, é agraciado pela soberana com o título de Cavaleiro – era o primeiro judeu praticante a receber tal honraria. Nessa mesma época, Sir Moses toma a decisão de atender, como sua principal prioridade, os apelos de ajuda vindos das comunidades judaicas do exterior, principalmente de *Israel*.

As viagens para Israel

O desejo de rever Jerusalém faz com que, em novembro de 1838, Moses e Judith deixem a Inglaterra para sua segunda viagem a *Israel*, apesar da epidemia de peste que grassava na região e da explosiva situação política reinante. O casal chega a Safed, a cidade sagrada, em maio de 1839, pois desejoso de ver as condições das comunidades judaicas do continente, a viagem até o Oriente Médio não foi direta e contou com escalas. Na qualidade de amigo de Mohamed Ali Pashá, as autoridades islâmicas os recebem com honras de Estado e, em meio a brados de “*Viva o nosso protetor!*”, os Montefiore adentram Safed. Em toda *Eretz Israel* a situação era penosa, mas como Sir Moses escreveu em seu diário: “A pobreza em Safed vai além de qualquer imaginação”. Em uma Jerusalém assolada pela peste, encontraram desolação. Um terremoto sacudira a área em 1837 e, ao chegar ao Túmulo de Rachel, nossa matriarca, viram que o local fora bastante degradado pelo tempo. Decidem restaurá-lo e ainda adicionar uma sala. Este foi um projeto que Lady Judith acompanhou de perto e, quando faleceu, Sir Moses a enterrou num fac-símile que manda construir em sua propriedade em Ramsgate. Recebidos com entusiasmo, em cada local que visitavam se reuniam com judeus para ouvir suas necessidades. Antecipando o estado lastimável da população, Sir Moses trouxera muito dinheiro consigo para dar não só aos judeus pobres, mas a todos que visse necessitarem e assim o fez. Ele, no entanto, sabia que a caridade não era a solução. Durante sua estada, escreveu em seu diário: “*Trata-se de uma terra onde praticamente quase tudo frutificaria... Se o plano que tenho em mente tiver êxito, será o meio de trazer felicidade e fartura à Terra Santa. Farei um pedido a Mohammed Ali de uma cessão de terreno, por 50 anos, para 100 ou 200 aldeias. ... e encorajarei nossos irmãos na Europa a retornarem a Eretz Israel*”. Para obter mais informações sobre a população judaica, encarrega seu braço direito, o grande linguista, Dr. Loewe, a iniciar a realização de um censo, o primeiro desde os tempos bíblicos. Como a lei islâmica não permitia a venda de terras de muçulmanos para não muçulmanos, e em 1838 Israel ainda estava sob o domínio de Mohamed Ali Pashá, Sir Moses foi a Alexandria para se reunir com ele. O Paxá lhe faz uma série de concessões, mas, quando em 1841, a Síria Otomana volta para o domínio do sultão turco, Montefiore se vê obrigado a adiar seus projetos agrícolas. No entanto, estava determinado a melhorar a vida da população judaica em Israel, que já ultrapassava os 17 mil, no final da década de 1840. Ele despacha para Jerusalém uma tipografia, abre uma fábrica têxtil e uma escola para meninas. A educação feminina era uma de suas preocupações. Dez anos mais tarde, em 1848, um surto de cólera atinge a Terra Santa. Prontamente, os Montefiore para lá se dirigem levando ajuda, sem se importar consigo vão em socorro dos vulneráveis. A estada é curta, mas retornam, outra vez, em 1855, devido as dificuldades que estavam a população judaica. Sir Moses decide, ele mesmo, aplicar os fundos arrecadados em Londres, bem como o legado do Sr. Judah Touro, rico judeu americano que, apesar de não o conhecer, deixara-lhe uma soma como doação para seus correligionários na Terra Santa. Sua visita resulta

na construção de inúmeras obras, entre as quais, um hospital judaico, o Asilo dos Pobres com o nome de Judah Touro, outra escola feminina e mais uma profissionalizante, além de um moinho para beneficiar os produtos das plantações e que se tornaria emprego aos judeus de Jerusalém. Adquire também, terras nas proximidades da estrada que ia de Jerusalém a Hebron. Sendo ali criado o primeiro bairro judaico fora da Cidade Velha, Mishkenot Sha'ananim. Estabelece também comitês agrícolas encarregados de escolher terras produtivas e fornecer aos judeus os meios para lavrar a terra. No ano de 1865, Israel está desolada pela seca e doenças, pela sexta vez Montefiore se dirige para lá, desta vez desta vez sem sua fiel esposa Judith falecida em setembro de 1862. No caminho, faz uma parada na capital Otomana, Constantinopla/Istambul, onde se encontra com o novo sultão Abdul-Aziz, que lhe reconfirma a permissão de comprar terras e construir casas, em Jerusalém, a contrário senso do que os árabes alegam recentemente, muitas destas terras viriam a ser tomadas pelos árabes em Jerusalém Oriental, perfaziam o bairro judaico de Shimon Hatzadik e outros mais. Ao chegar à Eretz Israel o destemido mostra sua face benevolente, funda um leprosário e ajuda a comunidade judaica local, maioria em Jerusalém os judeus viviam à beira da miséria, porém conservavam sua fé na restauração da Jerusalém como era nos tempos áureos, Sir Moses se recorda conforme diz a Amidá: *“E sobre Jerusalém, Tua cidade, volta-Te com misericórdia e habita dentro dela, conforme disseste. Construa-a em breve, em nossos dias, (e que seja uma) construção eterna; e restabeleça rapidamente dentro dela o trono de David, teu devoto. Bendito sejas Tu, Eterno, construtor de Ierushalaim.”*. Quando se tratava de ajudar seu povo amado não media esforços. Uma de suas mais importantes missões, realizada em 1840, logo após sua segunda visita à Terra de *Israel*, foi o “Affaire Damasco”, os judeus foram acusados pelos muçulmanos sírios de matarem um frade capuchinho, 13 foram presos e torturados, as acusações falsas foram atribuídas mais tarde ao cônsul francês, Benoit Ratti-Menton, era responsável pela situação, pois apoiara, perante as autoridades islâmicas, as acusações engendradas pelos capuchinhos contra os judeus. A França, no entanto, não estava disposta a interceder a favor dos judeus, por não querer, entre outras razões, desacreditar seu Cônsul. Além disso, a Igreja Católica estava irrevogavelmente convencida da culpa dos judeus. Na Inglaterra, no entanto, Sir Moses e o Barão Nathan Rothschild obtêm o apoio da Coroa britânica e de Lorde Palmerston, ministro das Relações Exteriores. Depois se descobriu que os muçulmanos mataram o frade para roubá-lo. Montefiore organiza, então, junto com Adolphe Crémieux uma delegação de judeus ocidentais para ir ao Egito interceder junto a Mohammed Ali Pashá em prol dos judeus presos. Antes de iniciar a missão, Montefiore é recebido pela Rainha Vitória e por Lorde Palmerston, que envia uma ordem aos cônsules britânicos para que ajudem a delegação no que fosse preciso, pois Montefiore é precioso ao Império Britânico na sua missão civilizadora em meio a barbárie e a ignorância em que estava mergulhado o Oriente daquele então. Sir Moses, Lady Judith, sua esposa, e o resto da delegação judaica chegam a Alexandria em outubro. A delegação é recebida por Mohammed Ali, a quem entregam uma petição solicitando permissão de prosseguir até Damasco para ver os prisioneiros e obter as evidências em seu favor. Não era solicitada a absolvição, mas sim um julgamento que tivessem ampla defesa e o processo legal. No entanto Mohammed Ali estava disposto a libertar os

prisioneiros, mas sem alardes. Considerando a perturbada situação política da região, a delegação judaica concorda. Quando o decreto de soltura chega a Damasco, em 6 de setembro, dos 13 prisioneiros, nove ainda estavam vivos, mas sete tinham ficado aleijados para sempre, em virtude das torturas. Moses obtém uma vitória triunfal por parte da Sublime Porta, o Gabinete do Sultão, a proibição de imputação aos judeus de Assassinatos rituais e libelos de sangue para sacrifícios, tais acusações seriam tratadas como calúnia e processadas pelo Império Otomano. Após ressaltar que os judeus do Império estavam sob sua proteção e gozavam dos mesmos direitos que todas as demais minorias, o decreto proíbe qualquer assédio e discriminação contra a população judaica. O documento foi recebido com euforia pelo mundo judaico. Na Inglaterra, a Rainha Vitória homenageia Sir Moses, dando-lhe o privilégio de adicionar animais heráldicos a seu brasão, que porta, em destaque, bandeiras nas quais a palavra Jerusalém aparece grifada em letras hebraicas. Em 1846 intercede junto ao Czar pelos judeus expulsos das zonas de assentamento nas fronteiras. Montefiore intercede pessoalmente junto ao Papa Pio IX no sequestro de Edgard Mortara que foi batizado em segredo pela empregada católica da família judia e sequestrado posteriormente pelas autoridades pontifícias, de Pio IX obteve: "*Non possumus*". Edgard foi ordenado padre em 1872. Nos anos seguintes, Sir Moses intercedeu em prol dos judeus romenos e persas. Em 1860, levantou 12 mil libras para os judeus marroquinos e, no mesmo ano, quando os cristãos da Síria são atacados por drusos do Monte Líbano, ele inicia uma campanha de arrecadação para socorrê-los, demonstrando que não ajudava somente judeus, mas todos os que visse em perigo. Em 1863 recebe a notícia de que 12 judeus em Saffi no Marrocos haviam sido presos e um executado pela morte de um espanhol e que mesmo inocentes eram mantidos presos. Assim, apesar da idade avançada, Montefiore decide ir pessoalmente ao Marrocos. Sua missão ia além do mero resgate dos prisioneiros. Queria obter do Sultão Sidi Mohammed Abd-al-Rahman algum édito que melhorasse a vida de meio milhão de judeus marroquinos. Ao chegar a Tânger, é recebido com entusiasmo pela comunidade judaica local. Após conseguir a libertação dos presos, decide ir, em pessoa, agradecer ao Sultão. Abd-al-Rahman o recebe com grandes honras e, atendendo seu pedido, promulga um édito que determina um igual tratamento aos judeus e todos os demais súditos. Contando 90 anos ainda demonstra muita vitalidade. Em 1867, parte para Bucareste para tentar sensibilizar o Rei Carlos sobre a situação dramática que seus súditos judeus passavam, e, em 1872, para São Petersburgo para tentar sensibilizar o Czar ainda que sem sucesso.

Última visita a Jerusalém

Com 90 anos, em 1874, Sir Moses retira-se da presidência de suas empresas e se dedica a Terra Santa se mudando temporariamente para lá. Em Israel percebe suas benesses pela Terra Santa frutificarem em campos que outrora era desertos florirem em plantações e a comunidade outrora miserável colher suas riquezas, o recém-construído subúrbio de Jerusalém Ocidental possuía 600 casas, habitadas por cerca de 4 mil judeus. Messiânico, no sentido judaico, e sionista, antes do sionismo político, diria quando perguntado sobre a restauração de Israel: "*Isto se tornou meu sonho constante e espero que se realize, algum dia, quando eu já não estiver mais entre os vivos. A Terra de Israel tem que pertencer aos judeus, e Jerusalém está destinada a se tornar a sede de um Estado Judeu*". Após seu retorno de Jerusalém, o grande benfeitor

passa a viver em Ramsgate-Inglaterra, de onde continua o trabalho filantrópico ao qual dedicara a vida. Em 1880, arrecadou um Fundo para os judeus da Pérsia e, no ano seguinte, para as populações carentes da Armênia e Curdistão.

Centenário

Ao chegar aos 100 (cem) anos, era lúcido, querido e respeitado como interlocutor da coletividade judaica e o mundo. Seu aniversário foi comemorado como um feriado por todo Império Britânico. Sua passagem ao Oriente Eterno se deu no ano 1885, três meses antes de completar 101 anos. Na Shivá, cerimônia de sétimo dia de morte, na Sinagoga Bevis Marks, o Grão Rabino Dr. Herman Adler, disse: *“A vida de Moses Montefiore foi extremamente útil e honrada. Em cada uma de suas viagens, conseguia fazer com que leis cruéis anti-judaicas fossem abolidas. Mas, suas simpatias não eram confinadas às reivindicações de seu país nem eram suas afeições determinadas por sua raça e fé. Moses Montefiore carregava em si os melhores e mais nobres traços da personalidade de um judeu. Imbuído da viva crença na força eternamente vinculante dos preceitos do judaísmo, jamais deles se afastou, pois foram o júbilo de sua vida longa, produtiva e abençoada. E era ainda mais estimado por não se envergonhar de sua fé e por proclamá-la abertamente.”* Apesar das riquezas adquiridas por ser um rico banqueiro, pouco se fala que abandonou tudo isso e se tornou um dos maiores filantropos judaicos de todos os tempos, dedicando sua vida ao restabelecimento de uma Nação Judaica. Sua extraordinária generosidade na dedicação de seu tempo e recursos, e sua amizade pessoal com a rainha Vitória fizeram dele o último dos *shtadlanim*, do hebraico para classificar homens cuja proeminente posição socioeconômica lhes permitia interceder junto a governos e reis, judeu observante e fiel ao judaísmo. Sua memória se estende além dos tempos tendo inúmeras sinagogas e lojas maçônicas batizadas com seu nome.